

BRASIL-PORTUGAL

16 DE JUNHO DE 1908

N.º 226

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa

ASSUMPTOS RELIGIOSOS



Santo Antonio

(Celebre esculpiura em madeira, de J. Fernandez Caldas, existente na egreja da Ericeira.)

VIDA ELEGANTE

EM EVIDENCIA

O sr. conde foi elevado, ha pouco, á dignidade de official mór da Casa Real. E' uma honra inherente, desde longa data, á sua familia, authentica representante do grande navegador Zarco da Camara.

Ao mesmo tempo foi nomeada dama da Rainha a sr.^a condessa da Ribeira, em cujas veias corre o sangue da melhor aristocracia portugueza.

São duas figuras em destaque na primeira sociedade, e sê-lo-iam da mesma fórma sem as distincções honorificas com que as distingue



Condes da Ribeira

a munificencia régia, porque bastaria a conquistar-lhes um logar de eleição a gentileza do tracto, a linha fidalga e correcta e as qualidades primorosas que de ambos são apanagio.

Formado em direito pela Universidade de Coimbra, grande lavrador e proprietario, o sr. conde da Ribeira, que herdou de seu pae o nome illustre e as altas qualidades de coração e de caracter que tão querido de todos tornaram em toda a parte o antigo e honrado veador de S. M. a Rainha, procura perpetuar-lhe o nome com actos que o nobilitam.

Do formoso grupo com que abre esta columna faz parte uma gentil creança, que é o encanto e a felicidade dos paes extremosos.

O thaumaturgo Santo Antonio

Seja qual fór a orientação das épocas que vão succedendo na corrente do tempo e a acção das idéas que vão influenciando os diversos periodos da vida nacional, o mez de junho hade ser sempre o mez das grandes romagens, das grandes solemnisações catho-

licas, da celebração das festas mais expansivas do povo portuguez, como são as do S. João e do Santo Antonio.

As sagrações ao santo precursor teem alguma cousa de pantheista, inspira-as o encanto dos campos em plena floração, os esplendores do sol a prumo, a serenidade das noites em que a lua projecta beijos de luz sobre a face dos lagos, ou as estrellas matizam dôce-mente os anilados campos do céu, em que os prados teem deliciosos arômas e o mar um marulhar mais suave.

O povo canta e folga n'esse templo amplissimo da natureza com essa alegria em que desdobra as mysticas expansões da sua fé; não se contenta com ajoelhar no santuario, vem para o ar livre para que os seus canticos de piedade subam mais alto.

Com a solemnisação de Santo Antonio dá-se tambem uma feição popularissima em terras de Portugal. Elle, o thaumaturgo, foi nascido em Lisboa, creou-se entre a gente que o viu dedicado ao estudo e á penitencia, á vida contemplativa e á pregação evangelica: parece que não ha um portuguez que não saiba os detalhes da sua biographia, o merecimento dos seus serviços, o esplendor das suas virtudes e o inconfundivel dos seus milagres.

Depois, embora elle tivesse fugido ao mundo para internar-se nas solidões do claustro, apesar de sahir do paiz e ir deslumbrar pelo talento e heroicidade nas terras da Mauritania, no meio-dia da Europa e na formosa Italia, a mente popular seguiu o rastro de luz de uma vida tão illustre e fixou na mente e no coração o poema de tão preclara gloria.

Para o povo portuguez não ha sagração mais bella nas expansões piedosas da sua alma do que a que faz erguer altares e engrinaldar culto a um santo tão seu, tão peninsular, tão nacional, tão de feição e de molde a glorificar a terra que lhe foi berço. Digam o que quizerem, lembrem todos os santos do agiologio, todos os veneraveis do calendario, todos os heroes do pantheon sacro, que a boa gente portugueza, com sincero orgulho, brada immediatamente: — o thaumaturgo é o Santo Antonio, milagres como elle fez, virtudes como elle revelou! . . E' mesmo vulgarissima aquella expressão: — Santo Antoninho onde te porei!

Pois se elle, até nas expansões do genio portuguez, que são o nosso orgulho e constituem a maior das nossas glorias, acompanhou o espirito heroico e as aspirações de aventura do seu paiz! E se não, basta ponderar que Portugal começou a conquista do seu dominio ultramarino pelas avançadas ao littoral da Africa e o santo ali havia começado, seculos antes, a sua missão apostolica. Portugal dominou em Africa e ainda mantem o seu prestigio colonial, graças ao arrojo dos seus navegadores, á heroicidade dos seus soldados e ao prestigio dos seus missionarios: pois Santo Antonio foi um dos pr.^{meiros} missionarios portuguezes que se dedicaram á evangelisação do catholicismo em Marrocos, e quando, dois seculos mais tarde, as fustas e varineis de uma expedição portugueza iam á conquista de Ceuta, que é o formoso perystillo das nossas glorias ultramarinas, quem sabe se o pharol, que alli designava a entrada aos navios portuguezes, era a cruz que la havia hasteado Santo Antonio!

Não são, pois, sómente as grandezas sobrenaturaes dos milagres que realisou, as que o tornam querido e amado do povo, são tambem as revelações historicas e as tradições nacionaes!

PADRE F. J. PATRICIO.

Filhas de Fernando Anjos



Alice e Maria Guilhermina

Os portuenses no Paço das Necessidades



Clemente Meneres

Director da Associação Commercial do Porto



Antonio Ramos Pinto

Vice-presidente da Associação Commercial do Porto



José Meneres

Director da Companhia Vinicola Portuguesa



Dr. Leopoldo Mourão

Antigo deputado pelo Porto e importante industrial



Conde de Samodães

Decano dos pares do reino e director da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal



Conde de Alves Machado



Manoel Francisco da Costa

Grã-cruz do Merito Industrial



Ezequiel Ribeiro Vieira de Castro

*Grã-cruz do Merito Industrial
e Presidente do Centro Commercial do Porto*



João Baptista de Lima Junior

Antigo presidente da Camara Municipal do Porto

A Universidade em Lisboa

Manifestações de lealdade á monarchia



Foi um acontecimento primacial, e das manifestações calorosas que de todas as classes tem recebido o moço chefe do Estado, nenhuma decerto como esta tão profundamente o sensibilizou.

Vieram primeiro os estudantes, representando a academia portugueza; vieram depois os lentes de todas as faculdades, e uns e outros, aquelles que preparam o espirito dos que hão de constituir a patria de amanhã, e os que hão de ser essa mesma patria, vieram protestar a sua lealdade ao throno, e a sua solidariedade com os destinos da monarchia. Houve quem extranhasse que de estudantes partisse esta manifestação, e a extranheza chegou a attingir em alguns proporções aggressivas e irritantes.

Porquê? Estão fóra da nossa época e no dominio da observação inexacta e falsa os que derem razão a estas contramanifestações. Entendem que mocidade e monarchia são palavras e ideias incompativeis, e que um rapaz para ser do seu tempo, para chancellar a sua mocidade, tem de gritar: «Viva a Republica.»

Se o não fizer, mostrar-se-ha um conservador relapso, e o conservantismo é tão commodo para os velhos como improprio dos moços.

Foi n'uma atmospheria romantica e politica que se creou e evoluiu este original criterio. Quando em Portugal começou a deitar a cabeça de fóra a idéa republicana, quando appareceram os seus primeiros propagandistas, e os seus apóstolos, limpos de toda a ambição, preconisavam n'esta formula a salvação do Estado, o aperfeiçoamento social, o progresso, a realisação de um ideal sonhado por altos espiritos e corações desinteressados como Oliveira Marreca, João Bonança, Elias Garcia, Manuel de Arriaga e outros mais, os moços de então, generosos, avidos de uma civilisação melhor, ansiosos de uma perfectibilidade progressiva, tinham, á falta de outro, que abraçar um novo crédo, baptisar a mocidade n'essa religião, adherir á idéa nova que tantos espiritos enthusiasmava e tantas adhesões attrahira.

Mas passam-se annos, succedem-se acontecimentos, na Europa ensaiam-se tentativas republicanas que a pouco passo mostram a sua inanidade e se desmoronam, de varias nações da America veem exemplos de republicas bem pouco dignos do serem imitados, a Europa pratica, laboriosa, avançada, progressiva, mantem através de todo o desenvolvimento material e de toda a cultura scientifica os seus velhos regimens monarchicos, e cá dentro, no proprio partido aos grandes iniciadores succedem-se mediocres sem idéas, desencadeiam-se tempestades, surgem intrigas, fervilham ambições sobre a mais completa ausencia de um programma de governo e deante d'este espectáculo politico, qual é, qual deve ser a attitudo da mocidade?



Os estudantes de Coimbra sahindo da estação do Rocio

Porque, em taes condições, ella não dá vivas á Republica, deixa de ser mocidade? As grandes, as nobres virtudes e qualidades, que esta ultima palavra abrange, desde a generosidade até ao desinteresse, desde a sinceridade até ao sacrificio, são porventura incompativeis com o sentimento, ou, se antes querem, com o principio monarchico?

E ainda: não está sendo mais ponderada, mais precisa, mais baseada na experimentação, na observação exacta, a educação do homem que começa?

Estão fóra da nossa época, são improprias da nossa quadra positiva, as exaltações romanticas, quer na litteratura quer na politica, e os moços de hoje attingem mais cedo que os de outro tempo a maioridade do raciocinio e a responsabilidade da acção.

Por isso os estudantes de agora, os de Coimbra como os de Lisboa, porque antes dos universitarios, já tinham ido ao paço os da Escola Polytechnica, a maior parte em summa da Academia portugueza, não anda como possesca a dar vivas á Republica, que dentro da patria já não constitue para ella um ideal politico, mas em vez d'isso, mais reflectida, mais ponderada, mais do seu tempo, mais moderna, vae sincera e convicta ao paço dos nossos reis affirmar a sua confiança no reinado que se inicia, e prometter a um rei como ella intelligente, moço, cheio como ella de aspirações patrioticas, collaborar com elle desde hoje na condemnação dos erros do passado, e no en-



(Clichs de Bonolle).

Manifestações de lealdade á monarchia
A caminho do Paço — Os estudantes de Coimbra descendo a calçada da Pampulha

grandecimento, no resurgimento da nossa querida terra portugueza. A significação verdadeira da grandiosa manifestação dos estudantes ao Rei é esta, que por todas as formas tem procurado deprimir e deturpar aquelles para cujos processos e actos é condemnação elo-



Manifestações de lealdade á monarchia
O corpo docente da Universidade no Paço das Necessidades

quente e severa a attitudo da mocidade portugueza deante do throno erguido sobre oito seculos gloriosos e agora manchado de sangue pelo mais repugnante e selvagem de todos os crimes.

Politica internacional

Continuam a Inglaterra e a Allemanha na faina de angariar proselytos e porventura aliados para a sua politica. Depois da entrevista de Veneza, e do convivio de alguns dias em Corfu com a familia real da Grecia, partiu o Kaiser para Vienna, onde á frente de quasi todos os principes reinantes da Allemanha foi apre-

sentar a homenagem do imperio germanico a Francisco José, por occasião dos festejos pelo jubileu do velho imperador. Este acto espectacular, que a uma grande parte da imprensa austriaca tão contrafeita menção mereceu, e que, segundo consta, o proprio festejado quiz a todo o custo evitar sem contudo o ter conseguido, representa mais um passo na attitudo de protector que Guilherme II assumiu para com o imperio austro-hungaro. Ao mesmo tempo, e é este outro aspecto da questão, representa tambem a viagem a Vienna, a exhibição perante o estrangeiro da suzerania que o imperador allemão exerce sobre os demais principes allemães, os quaes assim apparecem pela primeira vez perante a Europa como seus vassallos. Com effeito, até hoje a hegemonia prussiana sómente se tinha exteriorisado por actos de cerimonia dentro da propria Allemanha. No estrangeiro havia-se poupado esta humilhação aos principes confederados. A linha de respeito, porém, acaba de transpor-se e na cõrte de Vienna, reis, gran-duques e principes consentiram em formar o sequito do seu brilhante suzerano e em n'elle abdicar as honras da chefatura. Foi evidentemente um triumpho para o Kaiser. Duradouro? E sobretudo decisivo? E' licito duvidar, pelo menos com respeito a um dos estados incorporados na procissão do jubileu — á Baviera. Este reino, que no seio da actual confederação germanica representa o elemento antagonico com a Prussia, e que não prescinde das vantagens especiaes que lhe são garantidas no pacto federal, o qual só á ultima hora e pela suprema habilidade de Bismarck assignou, não deve ter visto com bons olhos a situação subalterna a que a obrigaram deante de estranhos. E' possivel até que a visita á Hofburg, em vez de ter apertado os laços que a prendem ao imperio, tenha contribuido para tornar mais vivo em Múnich o sentimento de autonomia da nação bavara. E se assim fôr mais um acto de Guilherme II terá dado de si resultados contraproducentes...

Ao passo que o imperador da Allemanha procura tirar todo o effeito perante o mundo da sua alliança com a Austria-Hungria — a unica que se lhe conserva fiel, — Eduardo VII prosegue nas suas peregrinações através da Europa para apertar as malhas da rede em que está envolvendo o seu irrequieto sobrinho. D'esta vez a visita do rei de Inglaterra foi ás tres cõrtes escandinavas, que durante tanto tempo Guilherme II andou a cortejar, parece no entretanto que com mediocre resultado.

O certo é que Eduardo VII está melhor do que ninguem em condições de exercer uma sensivel influencia nos tres paizes do norte. A rainha Alexandra é irmã do actual rei da Dinamarca e tia do rei da Noruega, que por seu turno é casado com uma filha dos monarchas inglezes. Semelhantes intimidades de parentesco, que em outras condições de pouco valeriam para a approximação d'estas nações, tem presentemente valor, porque estão de accordo com os interesses dos povos escandinavos, aos quaes não pode deixar de inquietar a visinhança do colosso allemão, que já fez sentir a um d'elles como são perigosas taes proximidades. Pelo seu lado a Suecia entalada entre dois eventuaes alliados da Grã-Bretanha, não pode deixar de orientar no mesmo sentido a sua politica, que de mais offerece para ella menos perigos do que uma approximação com a Allemanha. Por este lado, pois, parece que Eduardo VII deve ganhar a partida. Não é indifferente este resultado para a marcha dos acontecimentos, que



(Oitichá de Benollet).

Na Sociedade de Geographia

Sessão solemne em honra do tenente-coronel Alves Roçadas e dos officiaes expedicionarios ao sul d'Angola

se preparam, visto que o mar do Norte e o Báltico teem de ser provavelmente os dois mares, onde se decidirá o duello travado entre germanos e anglo-saxões.

E já que falámos n'estes dois mares cabe aqui mencionar os accordos, que a respeito d'elles acabam de se firmar, para manter o

Visita de El-Rei D. Manuel II ao quartel de lanceiros n.º 2



El-Rei e o coronel Costa atravessando a parada do regimento

statu quo existente. No accordo sobre o Báltico tomaram parte a Russia, a Allemanha, a Suecia e a Dinamarca. No accordo sobre o mar do Norte foram co-participantes a Inglaterra, a França, a Allemanha, a Dinamarca e a Hollanda. Como se vê no primeiro accordo não tomou parte a Noruega, e no segundo não tomou parte a Belgica, apesar da situação d'estas duas nações respectivamente nos dois mares. A razão d'esta abstenção é a seguinte: tanto a Noruega como a Belgica, são hoje estados neutralizados em face do direito internacional, e portanto não teem que garantir por convenções especiaes a sua situação.

Qualquer dos dois tratados não apresenta materia nova, que possa modificar fundamentalmente a posição das potencias, que n'ellas intervieram, mas revela o apreciavel desejo de estabelecer mais intimas relações, (por deverem ser para o futuro mais francas e mais leaes) entre os diferentes signatarios. Pena foi que não ficasse ainda resolvida a melindrosa questão das ilhas Aland, que tão funda impressão está causando em toda a Suecia, e que continuará sendo pomo de discordia ou pelo menos germen de desconfianças entre esta nação e a Russia. Verdade seja que até agora a Inglaterra tem-se



Visita de El-Rei D. Manuel II ao quartel de lanceiros n.º 2

*El Rei, sahindo de uma das casernas
(Fotographia de Benoliel.)*

negado a dar o seu consentimento á abrogação da clausula, em virtude da qual a Russia não pode fortificar estas ilhas. Mas as futuras vicissitudes da politica internacional não são todas faceis de prever, e quem sabe o que será o dia de amanhã, e a que concessões não pode ser levada a Inglaterra para comprar o auxilio da Russia?

Ainda bem esta visita ás côrtes escandinavas não estava concluída já se annuncia a visita de Eduardo VII á côrte da Russia, devendo esta entrevista, depois da realisação do accordo anglo-russo, ter especial significação e concorrer para mais apertar os laços de



Visita de El-Rei D. Manuel II ao quartel de lanceiros n.º 2

El-Rei, coronel Costa, ministro da guerra e o general Craveiro Lopes

amizade entre as duas nações. Não falta até quem preveja, que da entrevista de S. Petersburgo (foi para esta capital, que ella foi aprazada) sahirá uma nova triplice alliança, constituída pela França, pela Inglaterra e pela Russia. Como quer que seja, o que é indubitavel é que a actividade diplomatica da Grã-Bretanha se está tornando notabilissima, e que a influencia d'esta nação está todos os dias augmentando no mundo. O centro de gravidade da politica europeia, que durante o ultimo quartel do seculo xix esteve em Berlin, deslocou-se para Londres, e é d'esta capital d'onde hoje partem a iniciativa e o impulso para a solução dos mais altos problemas, que no dominio da politica internacional interessam a nossa Europa.

Mas ao mesmo tempo que a actividade da diplomacia ingleza se accentua, torna-se evidente cada vez mais um facto, que não pode deixar de ter importantes consequências na politica interna do Reino Unido. A constituição ingleza vae-se pouco a pouco modificando pela posição que o rei Eduardo VII está a tomar na direcção dos negocios publicos, sobretudo dos externos. Se ha paz constitucional, onde a maxima de que o «rei reina mas não governa» fosse fielmente observada, esse paiz era a Inglaterra. O verdadeiro e real chefe d'estado era o primeiro ministro. O rei desempenhava apenas uma magistratura decorativa, e quando muito de ponderação entre os diversos partidos. Foi assim que comprehendeu a sua alta magistratura a rainha Victoria em todo o decurso do seu longo reinado.

Nem Gladstone ou mesmo Disraeli lhe teriam consentido outra situação. Sabia-se que a sua opinião era merecidamente respeitada



Visita de El-Rei D. Manuel II ao quartel de lanceiros n.º 2

Fazendo a continencia a El-Rei e ao coronel Costa

pelos ministros responsaveis, mas a influencia inteiramente pessoal, que ella exercia, não ultrapassava os limites das reuniões intimas que tinha com os seus conselheiros. Jámais durante o reinado anterior o nome de Victoria regina andou ligado directamente a quaesquer actos da politica interna ou a quaesquer negociações internacio-

naes. A constituição não auctorisava, que o imperante tomasse o logar dos secretarios d'estado, responsaveis perante o parlamento.

No reinado actual, porém, este preceito ou se quizerem esta praxe constitucional, tem-se ido pouco a pouco modificando. Eduardo VII (quem havia de suppor isto do antigo principe de Galles, tantas ve-

a transformação que n'este ponto, como em tantos outros, se está operando na constituição ingleza.

..

E para que toda esta chronica seja consagrada á Inglaterra não queremos fechal-a sem nos referirmos á visita, que o presidente da republica franceza está n'este momento fazendo a Eduardo VII. A actual entrevista de Londres, precedida pela presença do sr. Clemenceau nos funeraes de sir Hery Campbell-Bannerman, é a solemne afirmação de que a *entente cordiale*, em vez de se enfraquecer, cada dia mais se robustece, e que já é difficil de perceber em que esta *entente* se distingue de um verdadeiro pacto de alliança.

CONSIGLIERI PEDROSO.

Revista de brigada no hyppodromo de Belem



El-Rei D. Manuel, ministro da guerra e general Honorato de Mendonça dirigindo-se para o hyppodromo

zes accusado de não tomar a serio os negocios do estado!) vae-se insensivelmente substituindo aos seus ministros em tudo quanto diz respeito á politica externa do imperio. E' isto um bem? E' um mal? Melhor do que ninguem podem os inglezes saber-o.

Eduardo VII é classificado pelos que de perto o conhecem como politico habilissimo e consummado diplomata. Atribuem-lhe principalmente toda a gloria do accordo com a França. Na Allemanha as espheras officiaes consideram-n'o como o mais perigoso antagonista do Kaiser. Queremos acreditar que assim seja. Mas não é menos digna de reparo a situação preponderante, que pessoalmente o rei está tomando na politica estrangeira, e que embora pelo seu espirito ponderado não faça correr á Inglaterra os perigos a que o temperamento impulsivo do Kaiser expõe por vezes a Allemanha, nem por isso deixa de ter inconvenientes para todos obvios. Existe em Londres um secretario d'estado dos negocios estrangeiros, — hontem o marquez de Lansdowne, hoje sir Edward Grey, ambos elles habilissimos diplomatas. — Não é de presumir que a intervenção directa e tão amiudada do rei nos negocios, que elle dirige, possa por vezes dar logar a difficuldades e divergencias? Eduardo VII nas suas multiplicadas entrevistas com os chefes de estado e outros personagens officiaes, não pode por vezes ir mais longe do que convenha ao ministro que em

A arvore nos cultos antigos

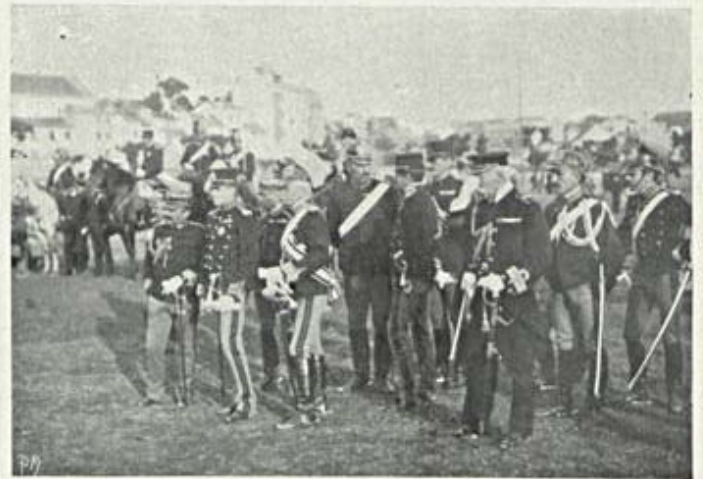


que foi o culto da arvore entre os povos da antiguidade conhece-se pela mythologia e historia das religiões.

As arvores foram talvez os primeiros templos ou sanctuarios em que o homem adorou as divindades.

A poetica mythologia dos gregos soube alliar a cada um dos seus numerosos deuses uma arvore sagrada, symbolo de alguma das suas qualidades divinas mais eminentes.

Assim, ao poderoso Jupiter era sagrado o carvalho, emblema da força. Em Dódona, no Epiro, havia uma densa floresta de carvalhos, que fazia parte do famoso templo do pae dos deuses e em cuja espessura sombria o orculo predizia o futuro, tirando os seus augurios do mysterioso ramalhar do bosque sacrosanto.



Revista de brigada no hyppodromo de Belem

El-Rei assistindo ás evoluções da cavallaria

O loureiro foi a arvore sagrada a Apollo, deus da poesia e da mocidade radiosa. As virtudes do loureiro eram divinas e multiplas: preservava do raio, trazia a felicidade á casa deante da qual fôsse plantado, sarava os enfermos, tornava realidades os sonhos venturosos e, pelo crepitar das suas folhas olorosas deitadas na fogueira, ensinava aos aúgures os segredos do porvir.

A oliveira foi a arvore escolhida por Minerva, deusa da sabedoria. Symbolo da paz e concordia, a oliveira fornecia corôas para ornar as cabeças dos noivos, a fim de lhes dar a paz e a harmonia no domicilio conjugal.

A Venus, deusa da formosura e do amor, foi consagrado o myrto, a murta sempre verde, emblema immarcessivel da juventude perenne e triumphante.

A Plutão, deus da morte e dos infernos, era votado o funebre cy-preste, ainda hoje a arvore escolhida para ornar a triste mansão dos mortos.

Os romanos continuaram o culto das arvores herdado da civilização grega, senão já primitivo nos novos aborígenes da Italia.

Fóra da antiguidade classica dos gregos e romanos, vemos tambem o culto da arvore entre os povos barbaros da Europa. Os gaulizes tinham a adoração do carvalho e sobre elle colhiam os druidas o visgo sagrado, com grande pompa religiosa, quando o crescente lunar se recortava finamente no azul do céu, annunciando o inicio de cada mez.

No continente africano ainda hoje os negros fetichistas adoram



Revista de brigada no hyppodromo de Belem

El-Rei D. Manuel, infante D. Affonso e ministro da guerra (Clichs de Benoitel.)

Downing-Street dirige os negocios externos? Da Allemanha sabe-se que não é das tarefas mais gratas que incumbem ao chanceller a de harmonisar com os seus planos as declarações não raro demasiadamente expansivas do imperador. Em todo o caso, com ou sem inconveniente para a politica externa da Grã-Bertanha, merece ser notada

certas arvores, principalmente o colossal baobab, tambem chamado imbondeiro ou arvore dos feitiços.

Nas ilhas Canarias os *guanchos*, povo aborigene do archipelago, adoravam as arvores, sendo celebre o dragoeiro santo de Orotava, em Teneriff, arvore gigante, com o tronco já em parte carcomido quando os hespanhoes descobriram a ilha ha cinco seculos, mas que ainda subsiste, embora muito damnificado por successivas tempestades.

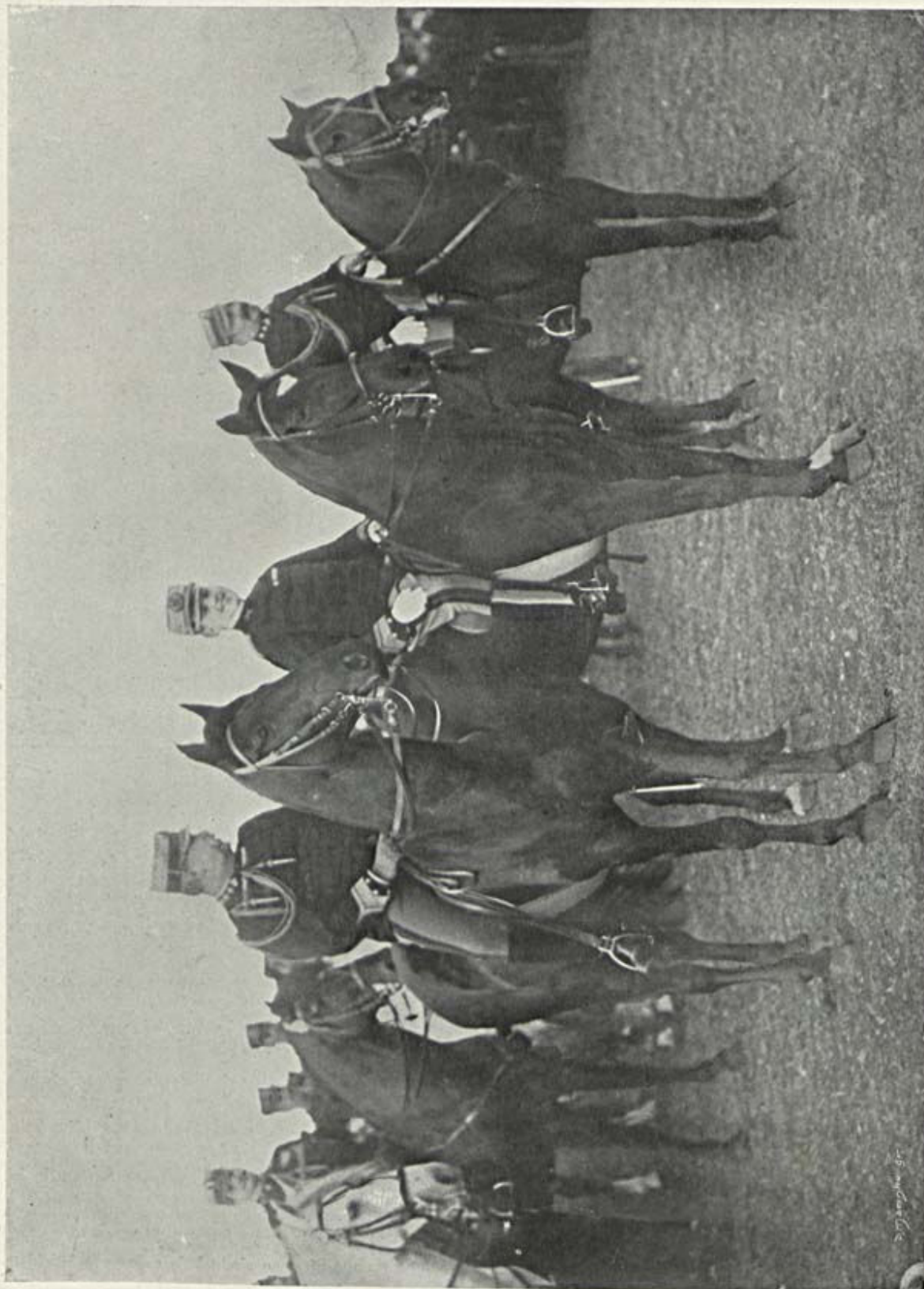
O christianismo teve de lutar vigorosamente contra os cultos pagãos, e, entre elles, o culto da arvore. Porventura vem d'essa luta religiosa o odio, que na Europa se desenvolveu durante a idade média, contra as arvores florestaes e que hoje inconscientemente se perpetua ainda na população portugueza.

Apesar da enorme preponderancia que o christianismo alcançou na Europa, muitos povos mantiveram durante largo tempo ainda, por uma fórma mais ou menos disfarçada, o antigo culto da arvore. A historia mostra-nos que em França, através da idade média, subsistiu a adoração dos carvalhos, embora o culto druidico d'estas arvores se modificasse, dando-se-lhes attributos de algum dos santos do

christianismo. D'isso é exemplo o celebre carvalho d'Allouville, em Yvetot, no departamento do Sena Inferior, não muito longe de Paris: é um colosso que mede 10 metros de circumferencia na base do tronco, tendo ahi uma cavidade transformada em capella e no alto uma cella monachal encimada por um campanario.

Em Portugal tambem tem havido *arvores-ermidas*, principalmente annosos castanheiros ou carcomidos carvalhos, e ainda hoje se encontram as *arvores das alminhas*, adornadas com oratorios ou quadros religiosos que se expõem ao culto dos viandantes.

As arvores que a devoção colloca ao pé dos templos e capellas não raro participam tambem do mesmo culto religioso. Assim, na alcantilada serra da Arrabida, n'aquelle magestoso amphitheatro sabiamente escolhido pelo senso esthetico dos frades para a edificação do seu austero convento, sobre as duas cumeadas que em recortes profundos ladeiam o pittoresco valle, descendo suavemente até ao oceano infinito, vemos junto de cada uma das alvejantes capellinhas alli alcandoradas e como seu indispensavel complemento o vulto esguio e verde-negro do cypreste pyramidal, arvore sagrada dos ascetas, symbolo da penitencia e da morte.



El-Rei, o Senhor Infante D. Affonso e o ministro da guerra assistindo aos exercicios da primeira brigada, no Hippodromo de Belem

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

XLVI

Trovoadas de maio. Na atmosphera e no parlamento. Coincidindo com a lua nova, determinam trinta dias de chuvas de agua a tropos. A corte celeste não acode a tamanha desgraça. Corre o boato de que Santa Barbara vae feita com o sr. João Arroyo e com os dissidentes. O espirito maligno fazendo das suas. — Entre o termo do inverno e o começo do verão. Lisboa elegante aborrece-se adoravelmente. — O congresso Telegraphico. O que elle tem feito.



trovoadas de maio...

Trovoadas de maio sempre foram tidas e havidas por inoffensivas. Por trovoadas de maio se tomam as birras entre bebés; trovoada de maio se chama ao arrufo entre namorados. Coisas de nada, que não valem dois caracões.

Tivemol-as, este anno, para não falhar o naípe. Ah! por volta das 2 horas de 26, n'um plumbeo ceu de tempestade, ellas ronronaram em surdina, como bichanos bem tratados na roda da saia da dona. Tivemol-as no parlamento no verbo quente e elegantissimo de João Arroyo, na palavra ponderada do sr. Julio de Vilhena, na eloquencia retumbante do sr. José

Maria de Alpoim, na rajada apaixonada e romantica do grande tribuno Antonio José de Almeida.

Infelizmente, porem, as trovoadas d'este maio não serão inoffensivas, como de costume. Por desgraça coincidiram com a lua nova, e lá diz o velho Borda d'Agua que lua nova trovejada trinta dias é molhada.

Ora a Natureza entendeu dar um voto de confiança ao Borda d'Agua e prestar-lhe todo o seu auxilio na manutenção do estatuido pela velha carta constitucional dos adagios agricolas. Todos os dias tem chovido, mais ou menos copiosamente, com grande gaudio das pessoas que soffrem com o calor (presente!) e com murmúrios dos agricultores que, n'esta questão de tempo, como em todas as outras, graças a Deus, nunca sabem o que querem.

De harmonia com o procedimento da Natureza mãe, os dignos pares e senhores deputados da nação continuam a chover discursos do tamanho da legua da Povoia, sobre a pobre oração da Corôa, ameaçando submergir tudo, inclusive a paciencia do proximo.

Para as chuvas naturaes ainda nós temos as preces, que ás vezes surtem seu effeito; mas para deter a torrencial eloquencia parlamentar não ha santo com quem a gente se pegue eficazmente. Já quando foi das trovoadas Santa Barbara torceu o nariz ao appello de muito boas almas christãs, correndo até o boato de que ia feita com o sr. Arroyo e os dissidentes, que se lembram d'ella quando os ou-

"Garden-party" em Carcavellos em honra dos membros da decima conferencia telegraphica



O representante da China e o ex-presidente da Republica Helvetica

tros não trovejem. Dos outros santos nem é bom falar. Todos elles se mantem eccecticos, como o sr. Baracho, limitando-se a vêr o espectáculo de palanque com uma attenção que até os dispensa do pedido de documentos varios pelas varias secretarias de Estado.

O regimen parlamentar, condemnado ha muito por pessoas que sabem onde teem o nariz, cahiu em descredito na corte celeste, a ponto de haver muito quem duvide que a Divina Providencia, accedendo ao appello do discurso da corôa, intervenha nos trabalhos legislativos, illuminando os esclarecidos espiritos dos representantes da nação, collaborando assim indirectamente na sua obra.

Salvo o devido respeito até parece que foi o Demonio o convidado a ajudar as côrtes geraes no parto difficil das leis e providencias com que havemos de ser agraciados. Se o mafarrico não anda vestido de ermitão em S. Bento contrariando com seus maleficios a marcha regular dos trabalhos parlamentares e protelando a discussão de graves problemas, então não sabemos de que maleita enfermou a nossa politica.

Como quer que seja, porem, parece naturalmente indicado o tratamento da bruxa da Arruda ou os exorcismos. Aquillo — Deus nos perdõe se erramos! — é espirito ruim que anda mettido nos corpos dos paes da patria, a pedir missas — ou chuva...

Finda a temporada da companhia de zarzuela que funcçiona re-



«Garden party» em Carcavellos em honra dos membros da decima conferencia telegraphica

(Cliché de Benoitte).

Um aspecto

gularmente no theatro D. Amelia e marca a ultima *étape* da vida mundana da capital, Lisboa elegante começa a bocejar, a espreguiçar-se, a sentir-se molle, as palpebras papudas cerrando-se n'uma somnolencia pesada. E sonha então com a sua appetecida villegiatura sob as sombras odorosas e frescas da encantada Cintra, ou nas bellas quintas muradas verdejando em fundos de valles com poma-

litam os dentes, enquanto na meza se lê o expediente, que é o *menu* do jantar do dia immediato, ás vezes escripto em portuguez, por patriotismo.

Os congressistas munidos de *menus* eguaes, tomam as suas notas.

O representante da Suecia.— Peço a palavra!



«Garden party» em Carcavellos em honra dos membros da decima conferencia telegraphica

(Cliché de Benoit).

Corrida de burros

res floridos e aguas cantantes serpenteando entre brancos seixos, ou ainda n'umas thermas civilisadas, com club e tennis, telegrapho e caminho de ferro, caixa de correio á porta e guarda nocturno, todas as commodidades, enfim, incluindo algumas aguas mineraes... em garrafas.

Emquanto se não decide — dizia o outro que não sabia para onde ir porque a mulher ainda não tinha escolhido a doença de que devia soffrer n'esse anno — indecisa, esperando resposta d'este e d'aquelle, perguntados sobre o rumo a tomar, Lisboa elegante passa as suas noites, quando o tempo o permite, ouvindo no *Paraiso de Lisboa* as gaiatices e facecias do sr. André Brun valorisadas pela encantadora malicia de Amelia Pereira ou delicia-se com o fadinho liró garganteado pela brejeirona Julia Mendes nos quadros vivacissimos do *A B C*, a revista do theatro Avenida. As sextas-feiras — contemporizando com o sr. Alpoim que quer democracia por uma pá velha — Lisboa elegante mette-se no electrico, quando não vae no seu *Darraq*, e abala para a feira de Alcantara a vêr a vida de Christo explicada pelo sr. Bolander (outro Calvario?) ou a provar as *farfuras*, para travar conhecimento com o pão que o diabo amassou...

Este compasso de espera entre a vida mundana da capital e de villegiatura tem de ser demorado este anno, por se ignorar ainda quando a Familia Real parte para Cintra, o que depende da projectada viagem de el-rei ás provincias, cuja epoca ainda não foi marcada, por não querer o Monarcha ausentar-se de Lisboa no periodo legislativo.

E' pois de prevêr que Lisboa elegante tenha de soffrer muito na pasmaceira de Lisboa, a não ser que decida abalar rompendo com a velha e galante praxe de esperar a partida da Real Familia.

Que a resignação a não desampare até á partida e que Nosso Senhor vele pelos que cá ficarem.

Quando esta chronica for publicada deve ter terminado os seus trabalhos o X.º congresso telegraphico reunido ha um mez em Lisboa. Eu não sei como esses trabalhos terminarão, porque sou leigo na materia e ignoro, como toda a gente, o segredo das abelhas que laboram no cortiço do Calhariz; mas pelo pouco que tem vindo a publico, que é o muito que o congresso tem comido e bebido (bom proveito!) esses trabalhos devem terminar, logicamente, por uma tremenda indigestão que interesse todos os paizes da União.

Oh senhores! dir-se-ha que em cada dente os senhores congressistas tem uma pilha Leclanché! E' de enfiar só ler os *menus* dos innumerables jantares que essas creaturas tem engulido em toda a parte, afóra almoços e *lunches* que assombrariam toda uma communitade de bernardos!

Como se sabe, e creio tel-o já dito n'este mesmo logar, o Congresso não divulga os seus trabalhos. E' uma raticie como qualquer outra. Toda a gente sabe o que se passa no Congresso. Os srs. congressistas entram, desapertam dois botões do collete, sentam-se, pa-

Continua a leitura. Terminada:

O presidente.— Tem a palavra o digno representante da Suecia.

O representante da Suecia.— No cumprimento da missão que me foi confiada pelo governo do meu paiz, tenho a honra de solicitar dos illustres delegados portuguezes esclarecimentos sobre um ponto confuso: como se preparam as mãosinhas de vitella com cebolinhas.

(Os delegados portuguezes tem uma conferencia. E' consultado o «Cosinheiro dos cosinheiros», vulgo «Cosinheiro Plantier.» Nova conferencia. Por fim:)

O sr. Benjamin Cabral.— Peço a palavra!

O presidente.— Tem a palavra o sr. Benjamin Cabral.

Batalha de flores na Avenida da Liberdade em honra dos membros da decima conferencia telegraphica



A carruagem do sr. conselheiro Alfredo Pereira

(Cliché de A. C. Lima).

O sr. Benjamin Cabral.— Nunca pensei, sr. presidente, que tomando parte como delegado de Portugal n'este Congresso, me seria dado versar assumpto de tanta magnitude como aquelle a cuja discussão sou chamado pelo illustre representante da Suecia. Sr. pre-

sidente! Como v. ex.^a sabe, para bem preparar vitella com cebolinhas, toma-se um tacho vidrado, barra-se de manteiga quanta baste...

O presidente. — O orador fica com a palavra reservada. Agora suspendo a sessão por termos de ir a Setúbal comer as sandwiches do sr. Baptista...

CAMARA LIMA.

A recepção do ministro dos estrangeiros



ENTRE AS numerosas e variadas festas offerecidas em Lisboa aos congressistas da 10.^a conferencia telegraphica internacional, foi das mais elegantes a recepção no ministerio dos estrangeiros.

O sr. conselheiro Wenceslau de Lima recebeu os nossos illustres hospedes, alguns dos seus collegas no ministerio, quasi todos os membros do corpo diplomatico, as damas, os representantes da imprensa, entre os quaes um dos directores do *Brasil-Portugal*, todos os seus convidados enfim, com aquelles primores de tracto, com aquella natural affabilidade, que constituem uma das mais bellas feições do seu caracter.

Desde a decoração artistica e sumptuosa até ás delicadas e originaes offertas feitas aos congressistas, um ar de distincção, suprema pairava n'essa festa, mais intima que official.

Mas de todas as notas que lá podemos colher, nenhuma offerecia a originalidade, um tanto patriotica — digamos-lo assim, — como



Batalha de flores na Avenida da Liberdade
Congressistas estrangeiros

aquelles pequeninos vasos de mangericos com as suas quadras em francez. Mimosa idéa allegorica, que Antonio Bandeira, o secretario do ministro, guardando o anonymo que nós lhe pedimos venia para desvendar, traduziu em versos excellentes, com o seu ar popular, escripto n'esse francez, que qualquer poeta parisiense firmaria, sem perder as qualidades ingenuas e nativas das populares quadras portuguezas, tão proprias d'este mez do thaumaturgo.

Permittam-nos os leitores do *Brasil-Portugal*, e principalmente as leitoras, que as mais bellas d'essas quadras sejam aqui reproduzidas.

J'ai prié mon Saint Antoine
De me trouver un marin
Il m'a dit qu'il me l'apporte
Un de ces quatre matins...

Saint Antoine à la fontaine
Les cruches raccommoît,
Mon coeur étant en argile
Je vais le lui confier...

O' mon petit Saint Antoine!
Qui parles même aux poissons,
Si tu parlais à mon coeur
Pour en chasser les soupçons!

Saint Antoine! Saint Antoine!
Quelle est ma faute à moi?
Tu maries toutes les autres,
Mais mon tour n'arrive pas!



Batalha de flores na Avenida da Liberdade
O automovel do sr. dr. Samuel Maia que obteve o 1.^o premio

Le coeur d'une jeune-fille
Est un palais à louer,
L'Amour est le propriétaire,
Saint Antoine est portier.

J'ai prié mon Saint Antoine
De me donner pour mari
Un jeune-homme, pas tres jeune,
Plutôt riche que joli...

Saint Antoine des miracles
Je viens te demander
Le miracle de me rendre
Celui qui m'a quittée!



Batalha de flores na Avenida da Liberdade
(Clichés de A. C. Lima). «Landau» com congressistas

A etiqueta hespanhola

Na Hespanha o cerimonial da corte conserva ainda todo o cunho dos antigos tempos, mas entre os mais curiosos costumes da etiqueta cita-se este:

As damas que tinham a honra de serem amantes do Rei, deviam recolher-se a um convento quando Sua Magestade se declarava farto das suas caricias.

Conta-se que uma dama a quem Carlos III declarava o seu amor, lhe respondeu:

— Ah! não, Magestade, acho-me muito nova ainda... para freira.

Mas na corte, a etiqueta previa ainda muitas outras coisas. Os reis de Hespanha não são apenas escravos da etiqueta. Muitas vezes são victimas d'ella.

Um dia o marquez de Prabar percebeu que um braseiro que ar-



*Batalha de flores na Avenida da Liberdade
Automóvel premiado*

dia na camara real incommodava Sua Magestade, por estar muito proximo da cadeira onde se sentava o rei. Convidou o duque d'Alba a fazer com que tirassem d'alli o braseiro, mas o duque observou-lhe que essa honra pertencia ao duque de Usseda.

Emquanto procuravam este importante personagem, o braseiro fazia tão bem o seu papel que Philippe III, o rei em questão, apanhou uma erisypela de que morreu passados dias.

Luiza de Orleans, mulher de Carlos III, cahiu uma vez do cavallo que montava e foi arrastada por elle, pois um dos seus pés ficara preso no estribo, e teria morrido fatalmente, se dois fidalgos não tivessem infringido a etiqueta, não fazendo caso da ordem que lhes gritou o «chefe do passeio»:

— Não toquem na rainha.

Ainda assim foi preciso que o rei, em decreto especial, lhes perdoasse o terem agarrado na rainha, em vez de esperarem que tal fizessem a camareira-mór, a unica pessoa que pode tocar com suas mãos no corpo de Sua Magestade.

A etiqueta do serviço da rainha de Hespanha era, e é ainda, das mais severas.

Esse serviço era dirigido pela «Camareira-mór», um «grande» de Hespanha, geralmente viuva, velha e rabujenta, que não perdoava a menor infração da etiqueta nem mesmo á rainha.

A exactidão, essa delicadeza dos reis, era-lhes imposta em Hespanha sem a menor contemplação.

A rainha, mesmo que ainda estivesse ceitando, via a uma hora determinada entrar as suas damas que, sem lhe dizerem nada, a começavam a despentear e a despir, pois que, segundo a etiqueta, a rainha devia deitar-se a uma certa hora, a mesma todas as noites.

Em materia de etiqueta, uma rainha de Hespanha não tinha pernas. Foi, pelo menos, o que respondeu altivamente a Camareira-mór a uma delegação de provincianos que ousara offercer umas meias



*Batalha de flores na Avenida da Liberdade
Congressistas japonezes*

de seda á noiva de Philippe IV, o que assustou tanto a rainha, que, ao ouvir a resposta da Camareira-mór, quiz voltar para Vienna.

A cada instante a Camareira-mór oppunha aos mais innocentes desejos da sua rainha estas palavras fatidicas:

— A etiqueta não o permite.

Paysagens d'Africa



S. Thomé. — Uma mangueira na roça S. Miguel

Exposição de pintura

DE

D. Emilia dos Santos Braga

Foi um sensacional acontecimento de arte a exposição de pintura da sr.^a D. Emilia dos Santos Braga.



D. Emilia dos Santos Braga

(Cliché de Arnaldo da Fonseca).

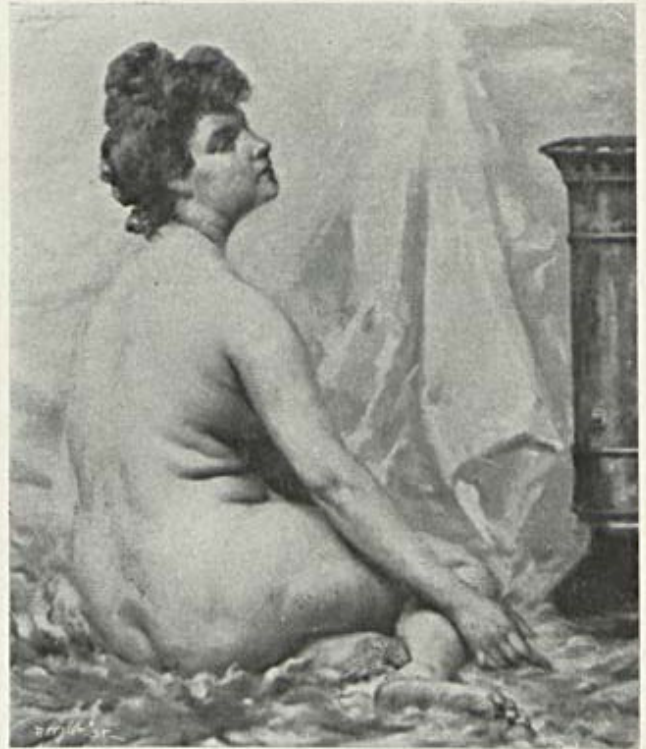
Toda Lisboa que pensa, que sente, que comprehende, desfilou pelo elegante *atelier* da artista e poudé admirar o vastissimo trabalho repassado de talento, a intuição da

Exposição de pintura de D. Emilia dos Santos Braga
A carícia

verdade, o estudo da natureza, o rigor dos pormenores, a execução perfeitissima, todo um nucleo de qualidades artisticas fixado nessa obra notavel. E tanto mais notavel quanto é certo ser firmada por uma senhora, e por uma senhora portugueza, o que lhe decuplica o valor!

A sr.^a D. Emilia Braga foi a discipula dilecta de Malhóa, e o que aproveitou das lições do Mestre á farta se verifica nas suas telas, especialmente nos seus bellos trabalhos sobre o nú, em que não ha um pormenor anatomico que seja despresado, uma attitudo plastica que não obedeça ás exigencias da impeccavel arte hellenica.

Torna-se-nos deveras agradavel fixar estas palavras justas nesta columna ao lado das reproducções pela



Exposição de pintura de D. Emilia dos Santos Braga

photogravura de algumas das mais preciosas telas, firmadas pela sr.^a D. Emilia dos Santos Braga, a que agradecemos a gentileza de ter permitido ao *Brasil-Portugal* que as suas paginas fossem enaltecidas com estes exemplares magnificos da Grande Arte.

Novos collaboradores

Honra-nos com a sua collaboração, de hoje em diante, a sr.^a D. Constança Telles da Gama, traductora do tetrico conto de Pöe, *A morte vermelha*, que hoje publicamos.

As illustrações que o acompanham são devidas á penna artistica de um rapaz de talento, filho de um dos maiores escriptores de Portugal, já fallecido. Como elle continua a collaborar, por essa fórmula artistica, n'estas paginas, reservamo-nos para mais tarde lhe publicar o nome.

A morte vermelha



compaixão dos seus concidadãos.

E não era necessario mais de meia hora para que a molestia, atacando um corpo são, se desenvolvesse rapidamente e o prostrasse em terra sem vida.

Mas o principe Prosper era venturoso, destemido e sagaz; quando viu os seus dominios meio despovoados, chamou á pressa á sua pre-

avia largo tempo que a morte vermelha assolava o paiz. Nenhuma outra molestia pestifera fôra até ali tão fatal e tão hedionda. Era o sangue seu avatar, e sua firma a cor vermelha e horrenda do sangue. Subitas tonturas e dores agudissimas eram o primeiro rebate da medonha doença, depois os póros todos punham-se a verter sangue com abundancia e seguia-se a dissolução completa do organismo. As manchas encarnçadas no corpo e sobretudo na cara da victima eram o funesto interdito que logo a faziam ver escorraçada do convívio, do auxilio e da



A morte vermelha. — O principe Prosper

sença, mil dos seus subditos, de entre os mais saudáveis e joviaes que formavam a sua corte, e com elles se foi encerrar na profundeza retirada de um dos seus mais vastos castellos.

Era um edificio magnifico, creação do gosto excentrico, ainda que magestoso, do proprio principe. Cingia-o heroicamente uma muralha altiva reforçada de portões de ferro.

Logo que todos entraram o principe mandou buscar ferramentas e ordenou que se accendessem fornalhas para soldar todos os ferrolhos dos portões. Tinha resolvido que assim ficasse desde logo baldada qualquer tentativa de fuga ou ingresso concebida n'algum impulso de desespero e delirio.

Estava o castello fartamente munido de provisões. Assim precavidos podiam os cortezãos desafiar o contagio e fazer frente ao perigo. O povo que se aguentasse lá fóra; de que lhe valia a compaixão do principe? Dentro não se tinham poupado os meios de distracção.

Viam-se alli bobos, improvisadores, bailarinas, musica, mulheres formosas e vinho. Dentro, tudo isto, e a sensação deliciosa de ter o corpo ao abrigo. Lá fóra, a «morte vermelha»...

Ao cabo de cinco ou seis mezes de reclusão, quando lá fóra a peste se alastrava com furia, o principe Prosper, para entretenimento dos seus mil amigos, offereceu-lhes um baile de mascaras revestido de rara munificencia.

Era um espectáculo verdadeiramente empolgante.

Mas façamos primeiro a descripção das salas onde se deu a festa.

Eram sete: uma série imperial. Em outros palacios costumam as salas abrir de umas para as outras formando uma só, para que a vista não seja interceptada sobre o conjunto de gala.

Aqui, o caso era outro, como está bem de ver do gosto original do principe.

A disposição das salas era tão irregular que a vista não podia abranger senão uma de cada vez. De quando em quando uma volta brusca e a cada volta um effeito novo.

A meio de cada parede, á direita e á esquerda, havia uma janella, gothica, alta e estreita, que dava sobre um corredor, o qual seguindo a série das salas, as acompanhava nas suas voltas.

Tinham essas janellas vidros de cor, cujo tom era sempre igual ao que dominava na ornamentação da sala a que pertenciam. O salão da extremidade leste, era guarnecido de azul, e as suas vidraças eram de um azul vivissimo. O segundo salão tinha cortinados e tapetes encarnados, e os vidros das janellas encarnados eram. O terceiro tinha reposteiros verdes e nas janellas vidros verdes tambem. O quarto era todo cor de laranja, estofos e luz. No quinto as guarnições eram brancas e as vidraças eram brancas assim como o estofado dos moveis e reposteiros. No sexto tudo era roxo.

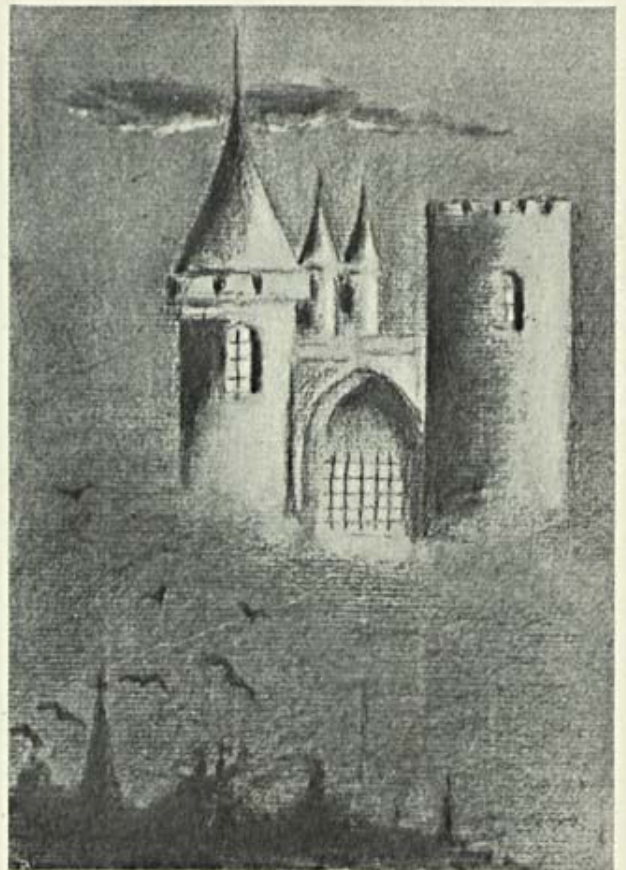
A ultima sala via-se estreitamente envolvida em roupagens de velludo negro que cahiam em pregas pesadas sobre um tapete preto felpudo.

Mas n'esta sala a cor das janellas não dizia com o tom das guarnições. Os vidros eram aqui vermelhos — de uma cor de sangue muito pronunciada.

Ora, em nenhuma das sete salas, por entre a profusão de objectos ornamentaes espalhados sobre as mezas ou pendentes dos tectos e paredes, se via candeeiro algum, lustre ou serpentina. Nenhuma luz de especie alguma irradiava de vela ou candeeiro dentro de toda a série de salas. Mas nos dois corredores que as ladeavam por detraz de cada vidraça, uma pesada tripode de ferro, sustentava uma brazeira accessa cujos reflexos projectados através dos vidros de cor illuminavam cada sala com clarão deslumbrante; e assim se produzia uma infinidade de aspectos pomposos e fantasticos.

Mas na sala negra, o effeito da luz do lume que através de vidros vermelhos jorrava clarões cor de sangue sobre os cortinados negros era tão sinistro e dava ás physionomias uma apparencia tão estranha, que poucos eram assaz audazes para lá penetrar.

N'esta ultima sala encostado á parede do lado oeste, via-se um relógio de ébano gigantesco; o pendulo oscillava pesadamente, com um som monotono e triste, e quando o ponteiro dos minutos dava a volta completa ao mostrador e as horas iam bater, subia, do fundo dos pulmões de bronze do relógio, um ruido, que era claro e alto e agudo, e profundamente sonoro como um tanger de sinos, mas de tão estranha e emphatica nota que a cada lapso de hora os musicos da orchestra suspendiam de subito a execução e inconscientemente punham-se de ouvido á escuta; e d'este modo os valsistas tinham que interromper as evoluções; e havia um curto intervallo de certa desorganisação na boa ordem da alegre assembléa; e enquanto soava ainda o echo das ultimas badaladas do relógio, percebia-se que os mais azougados empallideciam, e os mais edosos e pensativos pas-



A morte vermelha. — Era um edificio magnifico...

savam a mão pela fronte como em confusa e inexplicável meditação.

Mas mal os ecos sonoros se desvaneciam de todo, um riso leve percorria imediatamente a assembléa, os músicos entreolhavam-se sorrindo da sua própria nervosidade, e segredavam uns aos outros o firme propósito que faziam de não se deixarem commover á primeira vez que o relógio desse horas; porem, depois de um intervalo de 60 minutos (que abrange tres mil e seiscentos segundos do tempo que foge), ouviam-se as badaladas de extranho som e produziam-se, nas salas, a mesma desorientação, a mesma tremura e meditação anteriores. Mas com tudo isto, a orgia continuava loucamente soberba. Os gostos do principe eram originaes. Tinha gosto, para requintes de cor e efeitos de luz; nunca se cingia ás leis e costumes da moda; os seus planos eram ousados, extravagantes; as suas invenções scintillavam de resplendor barbaro. Muitos o podiam ter por doido; aquelles que o seguiam de perto sabiam que o não era; tornava-se necessario ouvi-lo e vê-lo e tocar-lhe para se ter a certeza de que o não estava.

Fôra elle quem dirigira, em grande parte, os embelezamentos moveis das sete salas por occasião d'este grande festejo; e fôra a indicação suas que as mascaras deviam o cunho que as caracterizava.

Não era vulgar o aspecto d'ellas, com effeito: visões fulgurantes de cegar a vista, muita physionomia picante, satyrica e phantastica; vultos em arabesco com membros desproporcionados, creações delirantes taes como só a imaginação de um louco pôde conceber.

Viam-se muitas appareições de belleza, de luxuria, manifestações de gosto *bizarre*, algumas mascaras terriveis e não poucas que podiam inspirar uma impressão violenta de justificada repugnancia.

Com effeito pelas sete camaras passeava com passo estugado uma multidão de sonhos que se espreguiçavam aqui e alli em contorsões de pesadelo, tingindo-se do reflexo colorido das salas, e a musica extranha da orchestra parecia o echo das suas passadas ruídosas.

Eis que dá horas o relógio de ebano da sala de velludo negro. E n'um momento tudo se immobilisa e cala menos a voz do relógio. Os sonhos pararam de subito parecendo inteiriçar-se pelos cantos... Mas os ecos das badaladas morrem — apenas duraram um instante — e uma gargalhada frivola, meio suffocada, fluctua no ar que os apagou. E outra vez estrondeia a musica, os sonhos reanimam-se e retorcem-se febrilmente tingidos da cor das vidraças por onde os clarões das tripodes accesas jorram torrentes de luz.

Mas já nenhum dos mascarados ousa penetrar no salão d'oeste, pois a noite escura vae desmaiando e pelos vidros cor de sangue escore uma luz cada vez mais rubra: e a negrura das roupagens de velludo apavora; e para aquelle que pisa o tapete negro, levanta-se do proximo relógio d'ebano um ruido mais emphatico e mais solemne do que o que pode chegar ao ouvido longinquo d'aquelles que se entregam ás folias do baile nas salas mais remotas do castello.

Essas outras salas, porem, estão agora apinhadas de gente e n'ellas pulsa a vida com intensidade febril; cresce o redemoinho da orgia, até que enfim começam de novo as badaladas do relógio, o tanger da meia noite.

E logo cessa a musica, como disse, e cessam as evoluções dos que dançam e como nas horas anteriores ha uma paragem subita no movimento geral, com uma sensação inexplicavel e involuntaria de inquietação e mal estar.

D'esta vez o sino do relógio tem que dar doze horas, doze badaladas, e por ser mais extenso o intervalo de silencio geral, é talvez mais prolongada a meditação d'aquelles que scismam.

E talvez fosse pelo mesmo motivo que, antes que a ultima vibração da ultima badalada, se tivesse de todo esmorecido no ar, aconteceu que varios individuos na turba tivessem vagar de descobrir a presença de um vulto mascarado no qual até então ninguém se lembrara de reparar.

E a descoberta d'este novo personagem cria primeiro uns minutos de indecisa perturbação, uns cochichos mal disfarçados passam de ouvido a ouvido, rapidamente seguidos de um susurro ou murmúrio expressivos de violento desagrado e pismo — depois finalmente



A morte vermelha. — A mascara que lhe occultava o rosto reproduzia com tanta exactidão uma physionomia de morto...

rompe de entre a turba de folgasões um protesto intenso de pavor e de angustia.

N'uma reunião phantasmagorica, como esta que descrevi, é claro que qualquer appareição menos vulgar não despertaria facilmente tamanha sensação. Em verdade a libertinagem de gostos auctorizada aos mascarados era quasi inatingivel, mas a figura de que se trata excedia todas as regras de conveniencia e decoro por mais illimitadas que fossem no conceito do proprio principe.

Mesmo no coração dos mais levanhos ha certas cordas em que se

não pôde impunemente tocar. Mesmo os mais desregrados, aquelles para quem a vida e a morte parecem ser um gracejo, de certas cousas não podem gracejar.

Toda a assistencia se mostrava agora profundamente consciente de que nada, nem no gesto nem no traje do desconhecido, se podia deter que merecesse um sorriso lascivo ou um dito de espirito.

A figura do mascarado era muito alta e descarnada, e envolvida dos pés á cabeça n'uma mortalha de cadaver.

A mascara que lhe occultava o rosto reproduzia com tanta exa-



A morte vermelha. — E as treças, a ruina e a morte vermelha assentaram sobre todas as cousas dominio infinito.

ctidão uma physionomia de morto que, por mais de perto que fosse observado, difficilmente se poderia descobrir o artificio.

E comtudo, isto ainda talvez pudesse ser approvado n'aquella turba de loucos.

Mas a pretensão do mascarado tinha chegado ao ponto de fazer symbolisar o typo da morte vermelha.

As suas roupas estavam ensofadas em sangue; a fronte espaçosa assim como todas as feições do rosto estavam horrendamente salpicadas de pingos vermelhos.

Quando este vulto espectral (que como para melhor sustentar o seu papel passeava por entre os valsistas com movimento solemne) passou pela primeira vez sob o olhar do principe Prosper, este não pôde reprimir um estremecimento convulso; mas immediatamente afogueou-se-lhe o rosto de colera.

«Quem se atreve?» perguntou com brado rouco, aos cortezãos que se acercavam «quem se atreve a insultar-me com esta blasphemia escarninha? agarrem-no, arranquem-lhe a mascara para que eu veja quem heí de mandar enforcar ao rômpor do sol nas ameias do meu castello!»

Era no salão leste ou sala azul que o principe Prosper assim falava.

Resoaram alto e nitidas as suas palavras pelas sete camaras, pois era o principe robusto e esforçado e a musica tinha emmudecido a um gesto da sua mão.

Era na sala azul que se encontrava o principe com um grupo de cortezãos pallidos, assustados. Mal elle falou produziu-se n'esse grupo um vago movimento de investida sobre o intruso que n'esse momento estava muito perto e com passo resolutivo e magestoso se vinha acercando do homem que falara. Mas, por uma inexplicavel sensação de respeito que a extraordinaria pretensão d'aquelle mascarado tinha inspirado, não houve ninguém que se atrevesse a deitar-lhe a mão e elle passou sem embargo a dois passos da pessoa do principe; e enquanto os numerosos convidados impellidos por um só impeto fugiam espavoridos de todos os lados e se coziavam com as paredes, elle seguiu sem interrupção o seu caminho com o mesmo passo erecto e pautado que logo o distinguira e assim pôde atravessar todos os salões passando do azul para o vermelho, do vermelho para o verde, do verde para o de cor de laranja, d'este para o branco e para o roxo antes que se fizesse a menor tentativa de ir em seu alcance. Mas então o principe Prosper, cego de colera, e mais enraivecido

ainda pelo involuntário movimento de medo que trahira, rompeu furiosamente pelas sete salas sem que ninguém se atrevesse a segui-lo, paralyzados, pois todos estavam tomados de assombro.

O príncipe brandia um punhal desembainhado e tres ou quatro passos apenas lhe faltavam para transpôr a sala de velludo negro onde se refugiara o vulto, quando este que attingira a extremidade do aposento negro, se voltou subitamente e confrontou o inimigo. Ouviu-se um grito agudissimo, o punhal cahiu rebrilhando sobre o tapete felpudo e logo atraz baqueou sobre elle o corpo morto do príncipe Prosper.

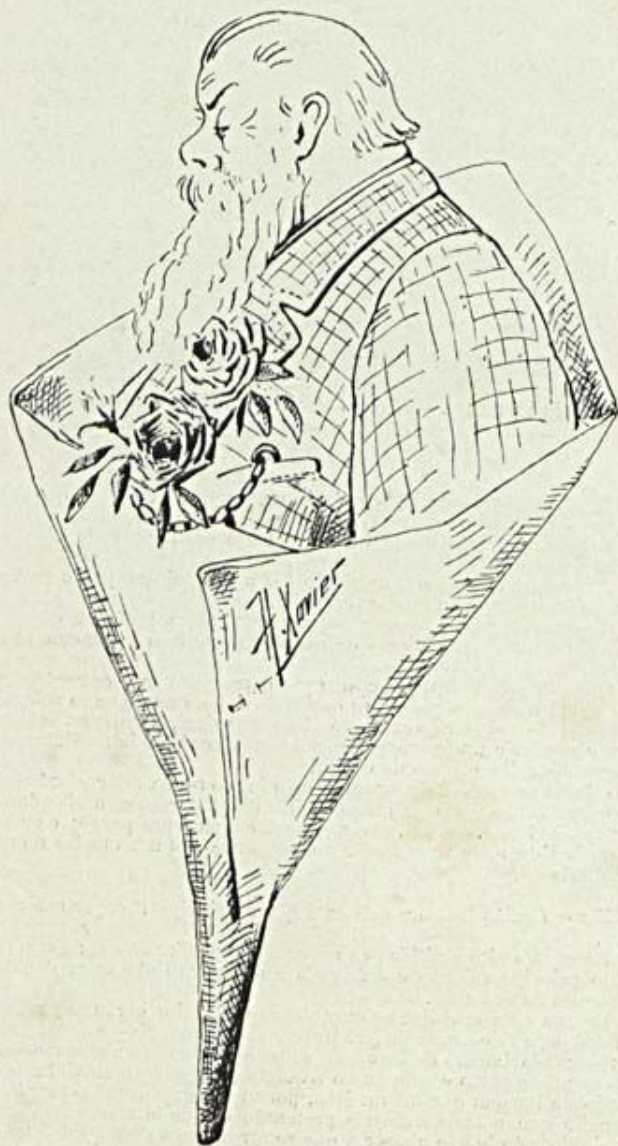
Então chamando por soccorro, num desespero crescente, uma massa compacta de cortezãos assaltou o aposento negro onde a alta figura do mascarado se conservava immovel e rigida dentro da sombra do relógio d'ebano; precipitaram-se sobre elle, agarraram-no com furia... e recuaram com um brado de angustia incedível ao sentir que as roupas de morte e a mascara de cadaver a que tinham deitado as mãos com tão rude soffreguidão, não revestiam nenhuma forma tangivel.

E foi então confirmada a presença da morte vermelha. Viera como um ladrão nas trevas. E um por um foram cahindo os mascarados no chão salpicado de sangue das suas salas de baile e todos expiraram na attitude afflictiva com que eram derrubados.

E o movimento do relógio d'ebano só parou com o ultimo arranco de morte dos que alli tinham folgado; e o lume das tripodes apagou-se. E as trevas, a ruína e a morte vermelha assentaram sobre todas as cousas dominio infinito.

Traduzido do inglez por D. Constança Telles da Gama.

EDGAR POE.



Paul Henry Plantier

Hermano Xavier, um artista consumado, querido ha muito dos leitores do *Brasil-Portugal*, brindou-nos com o lindissimo trabalho que estas palavras acompanham, alguns dias antes da morte de Paul Plantier.

Era, não ha duvida uma bella inspiração, um delicado pensa-

mento, uma execução perfeitissima. Como esse formoso desenho iria avivar ao enfermo recordações do passado, e affectar-lhe talvez nocivamente a sensibilidade extrema, aguardavamos um momento de esperança, uma melhora, passageira que fosse, para publicarmos esse admiravel retrato e offerecê-lo depois ao convalescente com a confirmação de uma velha e inalteravel estima.

Não o quiz, porém, assim o Destino terrivel, e eis a situação, completamente mudada! Eis-nos deante, não do homem d'espirito, não do apaixonado amante da arte, não do mais extremo cultor de rosas, que em Portugal tem havido, mas deante do seu cadaver!

Pois bem. Seja a dôr da sua perda attenuada pela concepção formosa do artista, e em vez de reproduzirmos aqui a figura de Plantier esphacelada pela morte, vejamos-o antes, na evocação da nossa saudade, e atravez da penna engenhosa que o reproduziu, como elle era, com a sua forte cabeça leonina, a sua longa barba de patriarcha, e essas duas rosas opulentas a sahirem-lhe da lapella. E' como se a morte não houvesse ainda caminhado para elle, e o observações de uma realidade flagrante, admirando-o na força da vida, e no pleno dominio de uma inconfundivel originalidade.

Só a Arte tem este poder de resurreição. Choramos o amigo desapparecido do mundo, em que soube viver como poucos, mas evocando a sua memoria, sentimol-o redivivo no nosso espirito e na nossa saudade.



Fiandeira

de ALFREDO BARJONA

Fiandeira fia, fia
E desconfia do amor;
Eu a fio, noite e dia,
Porfio na minha dôr.

O fio só é perfeito
Quando bem fino e igual;
O amor só é direito
Quando bem forte e leal

O sarilho a desandar
Enleia o fio e a linha;
Em redor do teu olhar
Enleiou-se a vida minha.

A Virgem sabe fiar;
Já fiou fios de luz
Do algodão do luar,
Para as vestes de Jesus,

Eu sei que sou dobadoira
Da meada das promessas;
Não na cortes com tesoiira,
Antes faltes que me esqueças!

Dês que não andas ao sol
E fias n'essa officina,
Tornou-se branco lençol
A tua tez doce e fina.

Desmaia-te a côr do rosto
O frouxel do algodão;
A lembrança d'um desgosto
Põe frouxel no coração.

O cabelo da moleira
Anda sempre enfarinhado;
E' como o da fiandeira,
Traz o cotão agarrado.

Quem se chega á tua trança
Perde logo a liberdade;
Já não lhe sae da lembrança,
Resta-lhe sempre a saudade.

Quem fiar o oiro fino
Da tua trança pesada,
Fica preso ao teu destino
Em filigrana doirada.

Fiam-se estrigas de linho
Na roca posta á cintura;
Mas desfia-se o carinho
Na roca da desventura.

Fia as minhas illusões
Torce-as no meu tormento,
D'ellas tecerei canções
Que enganem meu soffrimento